

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Dias da Silva Campos, Rafael; Moraes dos Santos, Christian Fausto
Doutores da devassa: sedição e teses médicas de luso-brasileiros em Montpellier
História Unisinos, vol. 17, núm. 1, enero-abril, 2013, pp. 61-65
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866791004>

Notas de Pesquisa

Doutores da devassa: sedição e teses médicas de luso-brasileiros em Montpellier

Doctors of Inquiry: Sedition and medical theses of Luso-Brazilians in Montpellier

Rafael Dias da Silva Campos¹
rafael_diascampos@hotmail.com

Christian Fausto Moraes dos Santos²
chrfausto@gmail.com

Em meio ao conturbado contexto político de fins do século XVIII, um número considerável de luso-americanos embarcaram com destino à Europa, a fim de cursarem Filosofia Natural³ e Teológica, Medicina, Direito e Matemática na Universidade de Coimbra, então reestruturada por Sebastião José de Carvalho e Melo. Em meio a este marcante processo para o período, os intelectuais, assim que formados, passavam a participar das políticas públicas, ocupando cargos burocráticos de relevo, atuando em instituições decisivas para a economia imperial portuguesa, além de liderarem expedições filosófico-naturais pelo interior das colônias. A conjuntura destes homens, que tinham Coimbra por meta, todavia, foi compartilhada por outros destinos. Uma parcela pouco conhecida acabou preferindo se encaminhar à região do Languedoc francês, a fim de cursar Medicina na secular Universidade de Montpellier.

Esta nota de pesquisa buscará demonstrar como as ideias médicas vigentes na Europa do século XVIII acerca da erisipela, varíola e tuberculose, ao serem relacionadas com as concepções médicas de corpo e saúde da época, exigem uma compreensão global das teorias que influíam nestas concepções. A historiografia destas doenças compõe elemento teórico singular no auxílio à capacidade crítica da leitura documental.

Partimos do suposto que Portugal não estava atrasado na corrida das ciências naturais setecentistas (Cardozo, 1971; Moraes *et al.*, 2012). A análise das fontes é feita a partir de uma perspectiva atualizada do Iluminismo, o que nos permite observar como estes ilustrados portugueses construíram concepções acerca das referidas doenças. Este fenômeno acadêmico, que se inicia na metrópole portuguesa, estava integrado a uma rede de conhecimentos acerca do mundo natural. Uma dinâmica que possuía, como principal meta, a prestação de

¹ Doutorando em História pela Universidade Nova de Lisboa. Bolsista da Capes – Programa de Doutoramento Pleno no Exterior.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenador do Laboratório de História, Ciências e Ambiente (<http://www.dhi.uem.br/lhc/>).

³ Moraes *et al.* (2012) apontaram que as ciências modernas da zoologia, botânica e geologia estavam, no século XVIII, incluídas na História Natural. Esta, por sua vez, fazia parte do curso de Filosofia Natural, sendo que entre ambas não havia uma distinção hierárquica. A História Natural descreveria o mundo natural, enquanto a filosofia natural explicaria as informações apresentadas.

serviços à nação (Domingues, 2001, 2010; Furtado 2002, 2005, 2007, 2011a, 2011b) e que se constituiu, para as realidades europeia e americana do século XVIII, em um importante momento da medicina.

Do total de 15 acadêmicos portugueses oriundos da América que se matricularam na escola médica de Montpellier durante o século XVIII, arrolados por Manoel de Vasconcellos Pedrosa (1959), apenas dois não terminaram o curso regular. Um foi incluído na lista de Pedrosa devido a critérios nacionalistas, posto que o alistado apenas havia se matriculado na faculdade. O outro foi Domingos Vidal Barbosa Lage, que concluiu o curso médico em Bordeaux. Com informações semelhantes, Louis Dulieu (1976) realizou uma listagem dos acadêmicos luso-brasileiros que se formaram em Montpellier. A relação de Dulieu cobria o conjunto das colônias americanas em um grande intervalo temporal que ia de 1713 a 1944.

Estes acadêmicos tiveram uma escolha conturbada. Por um lado, a faculdade de medicina de Montpellier era uma instituição tradicional na Europa, por outro, a vida política na França não era nem um pouco tranquila. A faculdade de Montpellier possuía uma política de acesso que teria contribuído para a valorização do curso médico em comparação ao restante do país (Raynaud, 1998). Em seu corpo docente encontravam-se homens que eram referência na teoria vitalista (Waisse *et al.*, 2011; Williams, 1994, 2003). A instituição era uma opção significativa para a elite luso-brasileira, que buscava formar-se em centros acadêmicos de excelência na Europa. Todavia, a França respirava uma ampla diversidade de ideias liberais, e isso conduzia os estudantes a uma perspectiva bastante diferente daquela proposta pelo Iluminismo luso (Moraes *et al.*, 2012). Na perspectiva portuguesa, a remodelação da sociedade preconizava mudanças distantes das defesas antimonárquicas. As “ideias francesas”, como costumeiramente eram denominadas, compunham um empecilho nas concepções da maioria dos ilustrados portugueses, por serem indícios de “afrancesamento” para as concepções políticas da Coroa.

Contrariando as possibilidades persecutórias do Estado português e da Inquisição, um pequeno grupo se propôs a ultrapassar tais barreiras e licenciar-se em solo francês. Muitos chegaram a flertar com ideais transformadores e foram alvo de inquições inquisitoriais e devassas. Alguns destes ex-alunos de Montpellier chegaram a ter participações na Inconfidência Mineira (Chacon, 1990; Aquino, 1999), na Confederação do Equador, além da Conjuração dos Suassunas (Neves, 1999; Mello, 2004).

Eles realizaram o curso em meio à grande agitação. Em 1776, o luso-brasileiro Joaquim Ignácio de Seixas Brandão foi o primeiro a ir para Montpellier. Ele se deparou com uma França pré-revolucionária e conturbada. Anos depois, José Joaquim Vidigal de Medeiros, matriculado desde agosto de 1791, foi o autor da última tese luso-brasileira defendida no século XVIII. Quando José Joaquim se doutorou ao Nivôse do ano III⁴, as consequências dos ideais republicanos já eram vividas.

O contexto político francês permitiu que estes acadêmicos compusessem uma complexa combinação de ideias rebeldes. Curiosamente, quando lembrados, são analisados pela historiografia devido aos seus envolvimentos políticos. O envolvimento destes letRADOS com as questões acadêmicas tem sido, em grande parte, relegado ao esquecimento. Homens como Domingos Vidal Barbosa Lage são citados por seu envolvimento com os conjurados mineiros (Pedrosa, 1959, p. 50) e pelo contato com Thomas Jefferson, embora o teor de sua tese permaneça desconhecido. De Joaquim Ignácio de Seixas Brandão, sabemos apenas que defendeu uma tese em Montpellier e que era primo de Maria Joaquina Dorothea de Seixas, imortalizada como Marília de Dirceu nas *Cartas Chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga (Silva, 1860, p. 89; Herson, 1996, p. 228). Exceto por sua obra sobre a natureza das águas termais de Caldas da Rainha (Brandão, 1781), os detalhes acadêmicos da vida de Joaquim Ignácio também permanecem desconhecidos.

De modo semelhante, outros envolvidos em tramas libertárias como José Mariano Leal da Câmara Rangel de Gusmão e José Joaquim da Maia Barbalho (o Vendek) têm, quando muito, suas teses citadas (Maxwell, 1989, 2003; Lopez e Mota, 2008, p. 290-292; Aquino, 1999, p. 351). Através da pesquisa, aqui apresentada, sabemos que Rangel de Gusmão defendeu sua *Propositiones non-nulle circa erysipelas endemice apud brasilienses regnans* (1790). Maia Barbalho também discutiu a erisipela em sua *De febre erysipelatosa* (1786). Pouco conhecido, José Joaquim Vidigal de Medeiros seguiu o mesmo tema de análise em sua *Tentamen medicum de facie erysipelate* (1793), já durante a Revolução Francesa.

Atualmente, a erisipela é uma doença pouco letal (Caetano e Amorim, 2005) – exceto em casos de imuno-depressão e insuficiências específicas – que se apresenta muitas vezes associada à febre puerperal (Hallett, 2005, p. 16). A mesma é tratada, prioritariamente, por penicilina G ou uma associação de antibióticos (Caetano e Amorim, 2005, p. 391). No século XVIII, essa realidade

⁴ O Nivôse, ou “mês da neve”, era o quarto mês do calendário republicano. Vale lembrar que a Revolução Francesa rompera com a tradicional utilização do calendário gregoriano e passou a adotar nomeações relacionadas ao clima e animais. Uma discussão sobre a mudança no calendário foi realizada por Robert Darnton (2010). Enquadrado no grupo dos meses de inverno, o Nivôse compreendia as datas de 21 de Dezembro a 19 de Janeiro. Pesquisadores interessados em converter as datas podem utilizar interessante ferramenta disponível na rede mundial de computadores (http://pierre.collenot.pagesperso-orange.fr/Issards_fr/outils/calrepub.htm).

tranquilizadora era bem diferente. A erisipela era uma doença grave em muitas regiões (Cavalcanti, 2004, p. 193; Thiesen e Barros, 2009; Latta, 1793, p. 136; Short, 1749, p. 108-109; Dobson, 2003, p. 254). O tratamento usual implicava sangria, purgação, aplicação de solventes e emolientes (Chalmers e Archibald, 1914; Society of Physicians of Edinburgh, 1774, p. 350).

Uma das observações que podemos expor nesta nota de pesquisa é a ausência de estudos históricos sobre as preocupações acadêmicas destes homens de letras. A vida burocrático-profissional do ex-aluno de Montpellier Francisco Arruda da Câmara demonstra bem tal dinâmica. Suas funções de Inspetor do Jardim Botânico do Grão-Pará e Físico-Mor da capitania, assim como sua participação na Confederação do Equador (Herson, 1996, p. 269) e no levante de 1817, sustentando ideias republicanas (Cabral, 2008, p. 88-89), não estavam isoladas de sua defesa médica acerca da varíola (Fernandes, 1999; Dudgeon, 1963). A tese de sua autoria, *Positiones nonnullae circa variolarum inoculationem* (1790), apresentava uma preocupação com a alta mortalidade e com a doença da população na América portuguesa. Em sua tese, Francisco Arruda teorizou uma terapêutica que aplacasse a grave epidemia variólica de fins do século XVIII (Alden e Miller, 2000, p. 203-230; Grossi, 2005; Cavalcanti, 2005; Sá, 2008).

Seu irmão, o filósofo natural Manuel Arruda da Câmara, também se doutorou por Montpellier. Fundador do Areópago de Itambé – uma organização secreta de cunho maçônico e iluminista (Sodré, 1998, p. 15; Mello, 2004, p. 36), participou, como sócio correspondente, da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, que acabou sendo fechada pelo Vice-Rei do Brasil José Luís de Castro (conde de Rezende), devido a temores de que ali se discutissem assuntos libertários (Fonseca, 1996, 2010; Marques, 2005; Herson, 1996, p. 248; Munteal Filho e Kury, 1995; Ventura, 1988). Manuel da Câmara defendeu a tese *Disquisitiones quaedam physiologico-chimicae de influentia oxigenii in aeconomia animali praecipue in colore hominum* (1791).

A obra de Manual da Câmara é conhecida pelos historiadores da ciência, o que pode ser considerado uma exceção historiográfica. Sua análise sobre a influência do oxigênio no metabolismo animal, à luz do pensamento lavoisiano, foi recentemente traduzida (Almeida e Magalhães, 1997) e analisada por Lorelai Kury (2007).

Outro membro de Montpellier afeito às ideias francesas era o fazendeiro Jacinto José da Silva Quintão. Tal como Manoel da Câmara, Silva Quintão era membro da Sociedade Literária do Rio de Janeiro e colaborador do jornal *O Patriota* (Fonseca, 1999, 2000; Aquino, 1999, p. 355). Discorrendo sobre a Sociedade em *O Patriota*, Quintão defendeu uma concepção integrada entre filosofia natural e políticas públicas, na medida em que

[...] ali não só se tratava de Filosofia, Matemática, Astronomia, modos de facilitar o trabalho do Agricultor, fazendo-lhe conhecer a qualidade do terreno para não ser infructuosa a sua lavoura, como se tratava da saúde pública entre os Médicos, e Cirurgiões peritos [...] (Quintão, 1813, p. 12).

A obra de Quintão se enquadrava no rol de teses atentas à realidade médico-social. Sua concepção política pautava-se por uma relação entre filosofia natural e ideais libertários do século XVIII. A filosofia da natureza deveria ser usada para proporcionar as almejadas vantagens à população, tanto que seu trabalho mais famoso, sobre a cochonilha, *Memória sobre a Cochonilha e o método de a propagar* (1813), trazia em seu título a preocupação com a parcela agrarista da população (“offerecida aos lavradores Brazileiros”). Sua tese *Tentamem medicum de phtisi pulmonari* (1777) versava sobre a tísica pulmonar (tuberculose), doença que grassou na Europa setecentista (Lindemann, 2010, p. 80; Porter, 2001, p. 6), chegando a matar 1,25% da população inglesa por ano (Byrne, 2008, p. 703). O que se conclui é que obras como a de Quinhão ainda carecem de um tratamento analítico que aborde as concepções médicas na América portuguesa do século XVIII. A relevância da pesquisa que apresentamos encontra-se na gravidade das doenças descritas e discutidas nestas teses, em parte, desconhecidas.

Na breve nota de pesquisa que apresentamos, abordamos a questão dos saberes em história das ciências e o seu uso enquanto meio de observação, análise e discussão das teses sobre erisipela, tuberculose e varíola no império português do século XVIII. Demonstramos um importante aspecto da rede imperial portuguesa, no que se refere à formação de quadros capacitados e atentos aos interesses da Coroa. O exame dos conceitos médicos apresentados nas teses dos autores supracitados permite a percepção de proximidades e distanciamentos entre estes ilustrados luso-brasileiros diante das concepções médicas características do iluminismo europeu. Almejamos, portanto, delinear elementos pouco conhecidos destes autores. Homens lembrados por suas carreiras políticas, mas que desenvolveram importantes pesquisas na medicina do século XVIII.

Referências

- ALDEN, D.; MILLER, J. 2000. Out of Africa: The Slave Trade and the Transmission of Smallpox to Brazil, 1560-1831. In: R. ROTBERG (ed.), *Health and Disease in Human History: A Journal of Interdisciplinary History Reader*. Cambridge, Institute of Technology Press, p. 203-230.
- ALMEIDA, A.V.; MAGALHÃES, F.O. 1997. As 'Disquisitiones' do naturalista Arruda da Câmara (1752-1811) e as relações entre a Química e a Fisiologia no final do século das luzes. *Química Nova*, 20(4):445-451.
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40421997000400018>

- AQUINO, R.S.L. (org.). 1999. *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro, Record, 599 p.
- BYRNE, J.P. 2008. *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*. Westport, Greenwood, 920 p.
- CABRAL, E.J.C. 2008. *O liberalismo em Pernambuco: as metamorfoses políticas de uma época (1800-1825)*. João Pessoa, PB. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 244 p.
- CAETANO, M.; AMORIM, I. 2005. Erisipela. *Acta Médica Portuguesa*, 18:385-394.
- CARDOZO, M. 1971. The Internationalism of the Portuguese Enlightenment: The Role of the estrangeirado, c. 1700-c. 1750. In: A.O. ALDRIDGE, *The Ibero-American Enlightenment*. Urbana, University of Illinois Press, p. 141-207.
- CAVALCANTI, N.O. 2004. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 452 p.
- CAVALCANTI, N.O. 2005. O comércio de escravos novos no Rio setecentista. In: M. FLORENTINO (org.), *Tráfico, cativeiro e liberdade: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro, Record, p. 15-77.
- CHACON, V. 1990. Étudiants brésiliens à Montpellier et Révolution française. *Annales Historiques de la Révolution Française*, 282:485-492. <http://dx.doi.org/10.3406/ahrf.1990.1400>
- DARNTON, R. 2010. O beijo de Lamourette. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, Companhia das Letras, p.22-39.
- DOBSON, M.J. 2003. *Contours of Death and Disease in Early Modern England*. New York, Cambridge University Press, 672 p.
- DOMINGUES, Â. 2001. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VIII(suplemento):823-838.
- DOMINGUES, Â. 2010. For the relief of Man's state or the advancement of national interests? A percepção da natureza brasileira ao serviço das nações e da humanidade nos escritos dos viajantes do século XVIII. *Diálogos*, 14(2):249-271. <http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v14i2.465>
- DUDGEON, J.A. 1963. Development of Smallpox Vaccine in England in the Eighteenth and Nineteenth Centuries. *British Medical Journal*, 25:1367-1372. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjj.1.5342.1367>
- DULIEU, L. 1976. Aperçu sur les relations entre l'Amérique et l'Ecole de Médecine de Montpellier: les thèses médicales montpelliéraines imprimées aux XVIIe, XVIIIe et XIXe siècles. *Revue d'Histoire des Sciences*, 29(3):223-242. <http://dx.doi.org/10.3406/rhs.1976.1409>
- FERNANDES, T. 1999. Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 6(1):9-51. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000200002>
- FONSECA, M.R.F. 1996. *A única ciência é a pátria: o discurso científico na construção do Brasil e do México 1770-1815*. São Paulo, SP. Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo, 270 p.
- FONSECA, M.R.F. 1999. Luzes das Ciências na Corte Americana: observações sobre o periódico 'O Patriota'. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 31:81-104.
- FONSECA, M.R.F. 2000. O associativismo científico no Brasil (1771-1829) e a promoção das ciências e da felicidade da Nação. In: V.L.B. TOSTES (ed.), *Anais do Seminário Internacional D. João VI – Um rei aclamado na América*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, p. 123-139.
- FONSECA, M.R.F. 2010. 'A natureza concedeu a cada país ou a cada clima seus privilégios exclusivos': a natureza brasileira na obra de Manuel Arruda da Câmara. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, 5(2):243-251.
- FURTADO, J.F. (org.). 2002. *Erário Mineral [de Luís Gomes Ferreira]*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 821 p.
- FURTADO, J.F. 2005. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, XLI:88-105.
- FURTADO, J.F. 2007. Tropical Empiricism: Making Medical Knowledge in Colonial Brazil. In: J. DELBOURGO; N. DEW (orgs.), *Science and Empire in the Atlantic World*. New York, Routledge, p. 178-205.
- FURTADO, J.F. 2011a. A medicina na época moderna. In: H.M. STARLING; L.B.P. GERMANO; R.C. MARQUES (orgs.), *Medicina: história em exame*. Belo Horizonte, EdUFMG, vol. 1, p. 21-81.
- FURTADO, J.F. 2011b. A medicina no império marítimo português. In: H.M. STARLING; L.B.P. GERMANO; R.C. MARQUES (org.), *Medicina: história em exame*. Belo Horizonte, EDUFMG, vol. 1, p. 83-119.
- GROSSI, R.F. 2005. O universo da cura na Capitania das Minas Gerais (1750-1808). *Revista da Faculdade de Letras – HISTÓRIA*, 6:49-68. [III Série].
- HALLETT, C. 2005. The Attempt to Understand Puerperal Fever in the Eighteenth and Early Nineteenth Centuries: The Influence of Inflammation Theory. *Medical History*, 49(1):1-28. <http://dx.doi.org/10.1017/S0025727300000119>
- HERSON, B. 1996. *Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira, 1500-1850*. São Paulo, Edusp, 410 p.
- KURY, L.B. 2007. No calor da pátria. *Revista USP*, 72:80-89.
- LINDEMANN, M. 2010. *Medicine and Society in Early Modern Europe*. New York, Cambridge University Press, 314 p.
- LOPEZ, A.; MOTA, C.G. 2008. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo, Senac, 1.056 p.
- MARQUES, V.R.B. 2005. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. *Educar*, 25:39-57.
- MAXWELL, K. 1989. Conjuração mineira: novos aspectos. *Estudos Avançados*, 3(6):4-24. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200002>
- MAXWELL, K. 2003. The Idea of the Luso-Brazilian Empire. In: K. MAXWELL, *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues*. London, Routledge, p. 109-117.
- MELLO, E.C. 2004. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo, Editora 34, 259 p.
- MORAES, E.M.A.; SANTOS, C.F.M.; CAMPOS, R.D.S. 2012. Filosofia natural lusa: A *Viagem Philosophica* e a política iluminista na América portuguesa setecentista. *Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani*, 4(1):75-91.
- MUNTEAL FILHO, O.; KURY, L.B. 1995. Cultura científica e sociedade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, 8(1):105-122.
- NEVES, G.P. 1999. A suposta conspiração de 1801 em Pernambuco: ideias ilustradas ou conflitos tradicionais? *Revista Portuguesa de História*, 33:439-481.
- PEDROSA, M.X.V. 1959. Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do século XVIII. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 243:35-71.
- PORTER, R. (ed.). 2001. *The Cambridge Illustrated History of Medicine*. New York, Cambridge University Press, 400 p.

- RAYNAUD, D. 1998. La controverse entre organicisme et vitalisme: étude de sociologie des sciences. *Revue Française de Sociologie*, 39(4):721-750. <http://dx.doi.org/10.2307/3323008>
- SÁ, M.R. 2008. A 'peste branca' nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 11(4-Supl.):818-826.
- SODRÉ, N.W. 1998. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 501 p.
- THIESEN, I.; BARROS, L.O.C. 2009. Rio de Janeiro: memória e espaço portuário. *Memorandum*, 6:92-101.
- VENTURA, R. 1988. Leituras de Raynal e a ilustração na América Latina. *Estudos Avançados*, 2(3):40-51. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000300003>
- WAISSE, S.; AMARAL, M.T.C.G.; ALFONSO-GOLDFARB, A.M. 2011. Raízes do vitalismo francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 18(3):625-640. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702011000300002>
- WILLIAMS, E.A. 1994. *The Physical and the Moral: Anthropology, Physiology, and Philosophical Medicine in France, 1750-1850*. New York, Cambridge University Press, 300 p.
- WILLIAMS, E.A. 2003. *A Cultural History of Medical Vitalism in Enlightenment Montpellier*. Aldershot/Burlington, Ashgate, 396 p.

Fontes primárias

- BRANDÃO, J.I.S. 1781. *Memorias dos annos de 1775 a 1780 para servirem de historia a' analysi, e virtudes das agos thermaes da villa das Caldas da Rainha*. Lisboa, na Regia Officina Typografica, 281 p.
- CHALMERS, A.J.; ARCHIBALD, R.G. 1914. Two Early Eighteenth Century Treatises on Tropical Medicine. *Proceedings of the Royal Society of Medicine*, 7:98-106. (Section of the History of Medicine).
- LATTA, J. 1793. *A Practical System of Surgery*. Edinburgh, G. Mudie, vol. 1, 2.505 p.
- QUINTÃO, J.J.S. 1813. Memória sobre a cochonilha e o método de a propagar, oferecida aos lavradores brasileiros, por um patriota zeloso, e amante da felicidade pública. *O Patriota*, 4:11-19.
- SHORT, T. 1749. *A General Chronological History of the Air, Weather, Seasons, Meteors*. London, T. Longman; A. Millar, vol. 1, 533 p.
- SILVA, I.F. 1860. *Dicionario bibliográfico portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, tomo 4, 472 p.
- SOCIETY OF PHYSICIANS OF EDINBURGH. 1774. *Medical Commentaries: Chirurgical Observations and Cases, by William Bromfeild*. London, J. Murray.

Submetido: 05/09/2012

ACEITO: 26/09/2012

Rafael Dias da Silva Campos
Universidade Nova de Lisboa
Capes – Programa de Doutoramento Pleno no Exterior
Campus de Campolide,
1099-085, Lisboa, Portugal

Christian Fausto Moraes dos Santos
Universidade Estadual de Maringá
Programa de Pós-Graduação em História
Laboratório de História, Ciências e Ambiente
Av. Colombo 5.790, Bloco 4, Sala 11
87020-900, Maringá, PR, Brasil